Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 273

21 DE JULHO 1886

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

Lisboa. L. do Poço Novo, entrada pela travessa do convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Na semana que passou, Lisboa galardoou a seu modo um grande acto heroico, e não podemos deixar de a louvar por isso.

Se a festa do Colyseu em honra de Custodia dos Anjos, era a apotheose mais digna do acto que se celebrava, se o metterem uma creança de dez annos n'um collegio de meninas é a recompensa mais propria para uma creança que se torna de repente benemerita por um heroismo humanitario, é muito contestavel; mas o que é incontestavel, é que a idéa que presidiu a essas festas foi profundamente justa, nobre e alevantada, e applaudimol-a sem a mais leve restricção.

Ha pouco tempo na Gollegã, duas creanças estiveram quasi afogadas no rio. A morte era inevitavel, se não se desse um d'esses actos de estranha coragem, de completa despreoccupação do perigo proprio, um d'esses factos grandiosos em que o egoismo humano desapparece totalmente ante a dedicação sublime.

Pois, coisa pouco vulgar nos tempos do «Eu, sempre eu» que vão correndo, essa dedicação, esse heroismo, essa heroicidade deu-se, e quem a praticou foi uma creança de dez annos, uma pobre pequenita da Gollegã, que, esquecendo-se de si ante o perigo alheio, arriscou denodadamente a sua vida para salvar as das duas creancinhas que se afogavam, sem pensar em nada mais senão n'ellas, nem sequer em merecer o applauso da sua consciencia, quanto mais em conquistar os elogios dos jornaes, as medalhas das associações de beneficencia, e os bailes infantis do sr. Justino Soares.

Porque se ha heroicidade perfeitamente desinteressada, genuinamente impulsiva do coração, totalmente alheia a qualquer coisa que não seja a salvação d'outrem, é com toda a certeza a heroicidade praticada por Custodia dos Anjos.

A idade d'essa corajosa heroina, a sua completa falta d'educação, a ignorancia santa que no seu juvenil espirito ha de todas as convenções sociaes, não admittem sequer essa sagrada vaidade egoista, que muitas vezes determina as grandes acções sublimes, os mais corajosos actos humanitarios.

Revolvendo bem o fundo da alma de quasi todos os heroes, acha-se quasi sempre uma pequena parcella d'interesse proprio — um interesse do melhor quilate, da mais santa qualidade — originando essas acções grandiosas.

O amor da humanidade, a dedicação pelas desgraças alheias, a coragem enorme que esquece todos os perigos proprios, andam sempre acompanhados d'um bocadinho d'amor da gloria, e mesmo quando não pensa na sua vida, para se arrojar ás chammas d'um incendio, ou ás ondas revoltas d'um mar, o heroe mais desinteressado, pensa sempre um bocadinho no seu nome, ouve o applauso da sua consciencia, advinha os applausos da historia.

Isto de fórma alguma diminue o valor das heroicidades; é tão rara a vaidade, sentida assim, é tão pouco vulgar o egoismo assim entendido d'esta maneira sublime, que a historia tem sempre glorificado em apotheoses justissimas, os martyres que morrem pela sua fé, com os olhos no applauso do seu Deus, os soldados que morrem pela sua patria, com os olhos nos applausos dos seus concidadãos, em todos aquelles que levam o amor da gloria, até ao desprendimento da vida, que comprehendem o egoismo d'um modo tão original e tão sublime que o transformavam na mais heroica abnegação.

Pois nem mesmo a mais ligeira parcella d'esse sublime egoismo entrou na acção corajosa da pequenita da Gollegã.

Arriscando a vida para salvar da morte, Custodia dos Anjos não teve a mais pequena noção de que ia praticar um acto grandioso, um facto louvavel. Abstraiu-se completamente da sua acção, não pensou nem previu o bem que d'ahi lhe podia vir, pensou unicamente no bem que ia fazer: — arte pela arte, o bem pelo bem, a dedicação, a abnegação, o humanitarismo na sua expressão mais completa, mais pura, mais grandiosa.

O facto constou logo, e se não ha muito quem pratique heroicidades, ha ainda quem as admire, e d'ahi fez-se em torno do nome aldeão de Custodia dos Anjos uma grande aureola justissima.

Essa pequena de dez annos que salvára duas vidas expondo a sua, produziu profunda sensação, diremos quasi que extranha, e comprehendeu-se, muito bem que o paiz tinha o dever de celebrar essa infantil heroina.

Até aqui perfeitamente.

Uma rapariga obscura d'uma terreola da provincia praticára um acto corajoso e humanitario que a puzera de repente em evidencia ante a nação inteira: á nação cabia honrar aquella que a patria honrava.

A maneira de a honrar?

O modo não de pagar os seus serviços, porque não ha dinheiro nem honras que paguem a vida d'uma creança, mas de galardoar a benemerita rapariguinha?

Ahi é que nos parece francamente que houve muito a desejar, que se fez pouco, e esse pouco muito abaixo da brilhante humanitaria acção que se glorificava.

O que foi que se fez?

Uma sessão no Colyseu, em que se offereceu a Custodia dos Anjos uma medalha de prata, e nada mais.

Note-se que as nossas censuras, se n'isto ha censuras, não podem de modo algum ir caber á *Associação de protecção ás creanças* que mandou cunhar essa medalha e que lh'a entregou em sessão publica solemne pelas mãos do seu presidente de honra, S. A. o principe D. Carlos. Essa Associação fez um acto de justiça, galardoou como poude, como soube, como quiz, um acto de

Othon I, rei da Baviera, successor de Luiz II

protecção ás creanças — o fim sacrosanto da sua creação. — Como Associação particular fez muito sem ser obrigada a fazer nada; a quem nós censuramos é ao paiz, que não fez nada, tendo obrigação de fazer muito.

Porque no fim de contas esta coisa de salvar creanças não é uma banalidade quotidiana da nossa vida social, expol-as sim, expol-as é que é uma trivialidade de cada dia.

É verdade que geralmente os nossos tribunaes mostram-se tão benevolos para com as mães que abandonam os filhos, d'ordinario castigam tão pouco as mulheres que matam creanças, que se comprehende que não premeiem muito a creança que as salva.

Em todo o caso, parece-nos que desde que o feito heroico de Custodia dos Anjos se tornou notorio, que a publicidade, arrancou da sua modestia obscura e gloriosa essa corajosa creança, o paiz tinha mais que fazer do que dar-lhe um baile infantil na esplanada e mettel a n'um collegio.

Em primeiro logar esta questão dos collegios não está ainda bem debatida e ha muito boa gente, ha muito pae de familia illustradissima, muito publicista notavel que vê nos collegios de meninas um perigo enorme para a educação das creanças.

É claro, que tratamos esta questão simplesmente em these; não conhecemos nem isso importa coisa alguma o collegio onde metteram ou vão metter Custodia dos Anjos, e portanto nada do que dizemos se pode referir nem a esse collegio, nem a nenhum certo e determinado collegio, refere-se em geral a todas as casas de educação de meninas.

Não estando portanto provada a efficacia dos collegios, havendo mesmo muitas opiniões auctorisadas a combatel-a, não comprehendemos muito bem como a titulo de recompensa se mette Custodia dos Anjos n'um collegio, e com que direito se vae dar uma orientação totalmente differente á vida d'essa boa e desinteressada rapariga do campo, nata e creada n'um meio inteiramente diverso, e com que direito se vae fazer d'essa sal vadora de creanças, uma bordadora de chinellas a matiz.

Se por acaso se tratasse d'uma creança do campo que tivesse dado provas d'uma entranhada vocação para qualquer arte ou qualquer sciencia, perfeitamente d'accordo.

Se Custodia dos Anjos se tivesse posto em evidencia por cantar com bonita voz a caninha verde, ou por pintar bonecos nos muros, ou por dançar com extranho *entrain* o bailarico, que se agarrasse n'ella e se mettesse n'um collegio, n'um conservatorio, n'uma academia, comprehendemos: agora que por uma creança mostrar que tem a sciencia da abnegação e a ignorancia do egoismo, a mettam n'um collegio, a ensinem a ler romances e a tocar piano, lhe dêem toda a educação moderna que tem por credo o *amor de si*, é que achamos muito extranho e illogico, e francamente não pomos as mãos no fogo para jurarmos que se d'aqui a cinco ou seis annos, depois de ter feito exame de grammatica e de rhetorica no Lyceu e de saber dançar no primor uma quadrilha e marcar um *cotillon*, Custodia encontrar no seu caminho duas creanças a afogarem-se, se atiraria a agua com o mesmo denodo, com o mesmo nobre impulso do coração, com o mesmo santo desprendimento da sua vida, sem pensar em que vae estragar o vestido, molhar as meias, e apanhar talvez um defluxo.

E emquanto á recepção que o publico lhe fez tambem não podemos deixar de mostrar certa estranheza.

A chegada de Custodia dos Anjos a Lisboa esteve muito longe de ser um acontecimento. A heroica e corajosa creança fez pouquissima sensação na nossa capital, na nossa capital onde o mais insignificante caso tem habilidade de ser um verdadeiro *sucesso*.

Pouquissima gente se incommodou a dar dois passos para ver essa creança que com uma dedicação e um valor dignos dos legendarios tempos heroicos salvou duas vidas, isto exactamente n'uma terra em que se reunem n'um momento 6 mil pessoas para ver um gatuno que arrombou a porta d'um estanco, ou um fadista que deu duas facadas n'uma rameira.

É original, pois não é; é original e é sobretudo illogico porque n'uma terra onde as más acções são muito mais vulgares que as acções boas, é incoherente que um crime faça muito mais sensação do que uma heroicidade.

É incoherente e é triste!

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O REI OTHON I DA BAVIERA E O PRINCIPE REGENTE LEOPOLDO

Em o n.º 271 d'este periodico publicámos o retrato do rei Luiz e um artigo biographico que terminava com o desgraçado fim d'este rei, no dia 13 do mez passado.

No dia seguinte ao da morte do rei Luiz II, o exercito bavaro da guarnição de Munich prestou juramento de fidelidade ao rei Othon I, irmão do rei Luiz e seu legitimo successsor, pelo rei fallecido não ter deixado filhos, e prestou egual juramento de fidelidade e obdiencia ao principe Leopoldo como regente, em consequencia do estado de saude do rei não permittir que este tome a responsabilidade do governo.

Othon Guilherme Leopoldo, filho de Maximiliano II e irmão de Luiz II da Baviera, nasceu em Munich a 27 de abril de 1848. Cursou com notavel aproveitamento os estudos militares, e mal tinha completado a idade de 18 annos, quando entrou na campanha austro-prussiana e se distinguiu pela sua bravura.

Entrou tambem na guerra franco-allemã ao lado de seu tio o principe Leopoldo, e ganhou a Cruz de Ferro, que lhe foi posta ao peito em Sedan pelo então rei Guilherme da Prussia e hoje imperador da Allemanha.

Parece que dois mezes depois de terminada a guerra é que se manifestaram os primeiros symptomas de loucura, a qual foi progredindo com grande rapidez até chegar ao estado furioso.

Desde então ficou Othon sob a mais rigorosa vigilancia dos medicos, sendo o seu principal assistente o dr. Gudden, de que nos occupamos n'outro logar.

Actualmente o rei Othon habita no castello de Fürstenried, absolutamente isolado e fóra das vistas do povo que ha muitos ánnos o não vê.

É este o rei que inconscientemente subiu ao throno da Baviera.

O principe Leopoldo da Baviera (Carlos José Guilherme Luiz) estava para tomar o difficil encargo de governar a Baviera no impedimento do rei Luiz II, quando succedeu a morte d'este ultimo. Hoje tem a regencia em nome de seu sobrinho Othon.

O principe regente nasceu em Würzburgo aos 21 de março de 1821 e é o terceiro filho do rei Luiz I.

Os irmãos mais velhos reinaram: Maximiliano na Baviera e Othon, fallecido em 26 de julho de 1867, na Grecia. Predomina n'este principe, ainda mais do que predominou em seus irmãos, o amor pelas artes e muito especialmente pela pintura. Não ha em Munich pintor algum de nomeada que não tenha visto o seu atelier honrado pela visita do illustre principe. E ainda ultimamente a exposição de artes que teve logar na capital da Baviera teve-o a elle por principal iniciador.

JOIAS PRESENTEADAS PELA FAMILIA REAL PORTUGUEZA

A S. A. A PRINCEZA D. MARIA AMELIA

Devemos á extrema amabilidade dos srs. Leitão & Irmão, acreditados joalheiros com estabelecimento em Lisboa e no Porto e fornecedores da casa real, o podermos dar hoje á estampa a reproducção em gravura das joias com que a familia real portugueza presenteou a princeza D. Maria Amelia por occasião do seu casamento com o principe D. Carlos.

Essas joias são verdadeiros primores da arte de ourivesaria e tanto mais importantes para nós por serem obra feita por artistas portuguezes, conforme o desejo manifestado por Suas Magestades, de que preferiam trabalho de artistas nacionaes.

Não podia, pois, o desejo de Suas Magestades ser tão cabalmente satisfeito, como o foi pelos srs. Leitão & Irmão, que se empenharam em bem corresponder á confiança regia, conseguindo apresentar as formosas joias que honram tanto as suas officinas como os artistas que as produziram.

O diadema presenteado por S. M. El rei D. Luiz é em estylo renascença, todo de brilhantes, sendo os da parte superior do diadema, de grandes dimensões, e os da parte inferior, menores. Esta peça contem cerca de 800 brilhantes, todos de uma grande belleza, formando o conjuncto um desenho elegante como melhor se póde avaliar pela gravura que publicamos.

O collar do mesmo estylo que o diadema foi presente de Sua Magestade a Rainha. É uma joia perfeita e de rara belleza. Tres grandes brilhantes formam a parte central, prendendo-se artisticamente á fita de brilhantes que forma o callar, primorosamente rendilhada e de uma delicadeza extrema. O numero de brilhantes contidos n'este collar ascende a 500.

O outro collar em forma de ramo é um tanto de phantasia do artista mostrando algumas reminiscencias do *neo grecque*.

Esta joia foi offerta de Sua Alteza Real o Principe D. Carlos e é composta de brilhantes e saphiras, dispostas com muito gosto, fazendo realçar ainda mais os brilhantes; a saphira que forma centro é de grandes dimensões e belleza. São 23 as saphiras que se entremeiam por entre os brilhantes, sendo estes em numero de 300, entre os quaes se destaca um de tamanho pouco vulgar.

O binoculo, presente de Sua Alteza o Infante D. Affonso, é em *écaille blond* com encrostações de brilhantes formando n'um dos oculos uma corôa de princeza e no outro um monogramma com as iniciaes M. A. cercadas de flores de liz.

Além d'estas joias, que todas se veem na nossa gravura, ha ainda um broche de brilhantes, presente de Sua Alteza o Infante D. Augusto. Esse broche representa uma aguia levantando vôo, tendo suspenso do bico um grande brilhante em forma de *briollete*.

Todas estas joias foram produzidas nas officinas dos srs. Leitão & Irmão, e são, tanto pela sua belleza como pelo seu valor, verdadeiros presentes reaes. A familia real mostrou aos srs. Leitão & Irmão o seu agrado nos termos mais lisongeiros, pelo modo como estes senhores se desempenharam da honrosa commissão de que os tinham encarregado, e esses elogios são na verdade significativos porque as joias em questão não são trabalhos vulgares, e por isso mesmo mais difficeis de executar bem, quando raras vezes se mandam fazer.

Este facto prova, mais uma vez, que em Portugal ha artistas de merecimento e se nem sempre esses artistas se revelam é porque nem sempre teem ensejo para isso.

O DR. BERNARDO DE GUDDEN

Ainda na capella-mór da principal egreja de Munich se estavam prestando as honras funebres ao fallecido rei Luiz II, e já os restos mortaes do que fora victima do seu dever e da sua muita dedicação pelo monarcha baixavam á terra no cemiterio da cidade, onde nunca até alli fora visto tão numeroso cortejo. E isto era porque o dr. Gudden reunia á sua grande pericia de medico eminente os mais perfeitos dotes de alma e as maneiras distinctas de perfeito cavalheiro.

Foi aos 7 de junho de 1824 que elle veiu ao mundo em Clèves, cidade da Prussia Rhenana, e bem novo ainda mostrou aquella grande vocação para a sciencia, a que foi fiel até á morte.

Depois de ser um dos primeiros que ouviram as lições do celebre physico Jacob, em Liegburgo, vemol-o em 1855 na qualidade de medico adjunto n'um hospicio de alienados, em Achen, sob as ordens do dr. Roller. Por esse mesmo tempo encarregaram no de organisar o real hospital de alienados de Werneck, na Francovia inferior, e até 1867, anno em que lhe deram uma cadeira para reger, exerceu sempre a clinica medica alli ou em Zurich. Pouco depois voltou a Baviera, onde, por morte do dr. Solbrig, em 1872, tomou a direcção superior do hospital dos alienados de Munich e o logar de professor da escola medica, que exerceu até que a morte o surprehendeu nas tragicas circumstancias que os nossos leitores conhecem.

D. JOÃO II

O vulto grandioso d'este soberano tem enthusiasmado o publico de D. Maria II durante as numerosas recitas do drama do sr. Lopes de Mendonça o *Duque de Vizeu*, e comtudo ainda Lopes de Mendonça o não desenhou em toda a sua magestade. Se o fizesse, pareceria tão pequeno ao pé d'elle o duque de Vizeu, que passaria do plano em que figuram os protogonistas para aquelle em que se agitam os comparsas.

Dominando a historia portugueza n'essa época magnifica da Renascença, fechando as portas da idade media, e abrindo as do mundo moderno, vêmol-o pôr o joelho no peito dos grandes vassallos e quebrar o encanto do cabo Tormentorio com a audacia de Bartholomeu Dias. No cadafalso do duque de Bragança expirou a idade media, entre as brumas do Cabo da Boa Esperança rompeu a aurora da idade moderna. A formula de menagem dos alcaides é a sentença de morte da anar-

chia medieval, o nome de Boa Esperança posto ao cabo das Tormentas é o attestado de baptismo da idade moderna que se vae abrir.

A politica de D. João II não é um facto isolado na historia da Europa do seu tempo. Tem muitos factos concomitantes. O papel que elle desempenhou em Portugal desempenhou o em França Luiz XI, em Hespanha Fernando e Isabel, na Allemanha Maximiliano, na Inglaterra Henrique VII; mas nenhum teve a grandeza, a energia inquebrantavel do filho de Affonso V.

Luiz XI trabalha na sombra, D. João II á luz do dia. Luiz XI revolta-se contra seu pae e querlhe roubar o throno, D. João II, com a corôa real cingida, desce do throno; para entregar a realeza a seu pae que volta, desprestigiado e humilhado, da côrte de França. Luiz XI rodeia-se de guardas no seu castello de Plessis-les-Tours, treme dos assassinos, multiplica as precauções, faz-se escoltar pelo carrasco, D. João II affronta impavido os conspiradores, affasta se dos ginetes de Fernão Martins de Mascarenhas, faz desmaiar com a luz serena e fria do seu olhar terrivel os mais audaciosos. Luiz XI é supersticioso em extremo, no seu chapeu sebento préga as imagens de chumbo das Nossas Senhoras que julga que o protegem, ouve os astrologos, tem todos os terrores imbecis do seu tempo; D. João II affronta as superstições com a ironia do seu sorriso altivo, persegue atravez das sombras os passos mysteriosos dos suppostos espectros, e, quando os catholicos fanaticos o aconselham a repellir os judeus que procuram asylo no seu reino, acolhe-os com boa sombra e dá assim uma lição de politica elevada e sensata á rainha Isabel. Luiz XI não tem o sentimento de familia; sua mulher, seu filho vivem sepultados no isolamento, tratados por elle com odio ou pelo menos desamor; D. João II tem por sua mulher o grave e doce affecto do homem forte pela suave companheira da sua existencia, a seu filho consagra um amor tamanho que a morte d'essa creança é para elle a dôr suprema que o arrasta ao tumulo. Luiz XI persegue os seus parentes, o seu proprio irmão, com a vingança traiçoeira, e com os tramas covardes; D. João II, quando lhe surge no Paço um conspirador na pessoa de seu cunhado o duque de Vizeu, vae direito a elle sem hesitações nem ambages, crava-lhe nos olhos o seu olhar sereno, e prostra-o a seus pés com uma vigorosa punhalada. Ha entre elles a differença que ha entre o leão e a hyena, entre o assalto e o mina, entre a espada e o veneno, entre o combatente que pugna á luz do dia e o assassino que se esconde nas trévas.

E comtudo um e outro fizeram obra igual e obra grandiosa. A um e outro deve a França a sua unidade, e Portugal a sua independencia. Pois se D. João II não esmagasse as revoltas dos grandes vassallos, se não acabasse com as tentativas autonomicas dos duques de Bragança e dos outros, imagina-se por acaso que Portugal poderia por muito tempo resistir ás tendencias absorventes da visinha Castella! A unidade portugueza era, no seculo XV, a condição *sine qua non*, da sua independencia.

Percorrâmos rapidamente a vida d'aquelle homem verdadeiramente notavel que é illuminada pela plena luz do sol da Renascença, e que apparece grande entre os maiores na sua existencia curtissima. Principe, encontramol-o debaixo dos muros de Azilla, combatendo com uma intrepidez heroica, distinguindo-se entre os cavalleiros mais bravos da cavalheiresca phalange que rodeia seu pai, e ao armal-o cavalleiro junto do cadaver do conde de Marialv , Affonso V imaginava que ia dar ao mundo um novo paladino aventuroso, que um dia iria bater com o conto da lança nas proprias muralhas de Fez.

Passam se poucos annos e vamos encontral-o em Toro. O jovenil e ardente cavalleiro cedeu o passo ao general energico e prudente. Deante do seu sangue frio, da sua marcha bem calculada recua o rei Fernando, emquanto por outro lado seu pai Affonso V se vê obrigado a recuar tambem, dando-se assim o facto original de uma batalha meio ganha, meio perdida, em que a victoria corôa a fronte do moço principe, mais general do que os mais experimentados, ao passo que o valente cavalleiro que conquistou o cognome de *Africano* vacilla e cede.

Tempos depois vamos encontral-o nas margens do Tejo recebendo de braços abertos seu pai que volta, confuso e humilhado, da côrte do rei de França; e elle, que não podia deixar de ter a consciencia da sua immensa superioridade, é o proprio a instar com seu pai para que volte a reinar, para que cinja de novo a corôa, e nada mais bello do que vêr este filho que se chama D. João II! o vencedor de Toro, o principe perfeito, o *homem* como lhe chamou Isabel, santamente ajoelhado diante de um velho imbecil, mas que é seu pai, a pôr-lhe no regaço a corôa que tira da fronte, e a despir a purpura que tão bem lhe ficava ao magestoso vulto para com ella vestir esse rei senil que já não pode ter da realeza senão as insignias e o apparato vão.

Depois vemol o nas côrtes de Evora, agrupando em torno de si os procuradores do povo, dandolhes o santo e a senha, transformando o braço popular no corpo da nação.

Vêmol-o depois terrivel, quebrando as resistencias dos conspiradores, decepando as insurreições no seu germen, implacavel, devastador, levantando aqui o cadafalso do duque de Bragança, perseguindo até ao fundo dos seus mais secretos asylos no estrangeiro os que tentam desfazer a sua obra, bella ainda mas de uma belleza tragica e desgrenhada, apunhalando o duque de Vizeu, precipitando nos carceres os mais nobres fidalgos, fazendo recuar deante da chamma dos seus olhos os assassinos que o esperam; dominando os com o sangue frio e esmagando os com a audacia.

Depois vimol o debruçado sobre um leito de palhas onde morre uma criança que é seu filho, e vemos esse homem terrivel banhado em lagrimas a erguer supplices mãos ao Deus de misericordia, elle que nunca invocou senão o Deus implacavel da justiça e da vingança.

Vêmol-o emfim dirigindo com enthusiasmo e com afan a obra admiravel das descobertas, fazendo partir por um lado Bartholomeu Dias e por outro Pero da Covilhã, chamando ao cabo Tormentorio o cabo da Boa Esperança, não tendo podido adivinhar Colombo, mas sabendo apreciál-o, e preparando para as grandes emprezas de seu successor Vasco da Gama o seu porta-voz de commando, Pero d'Alemquer e o seu sextante de piloto, educando na sua côrte os que hão de ser os heróes da India, os Albuquerques e os Almeidas, grande emfim em todas as manifestações da individualidade humana, sublime e terrivel, tragico e epico, e sobrando-lhe ainda, n'aquella efflorescencia de todas as qualidades do homem, seiva bastante para dar um homem de espirito, porque as anedoctas que d'elle nos restam revelam, n'um curto relampago, um espirito fino e observador, alegre e zombeteiro.

Tal foi D. João II, desenhado em quatro traços incompletos.

Pinheiro Chagas.

O conselheiro João Cesario de Lacerda

Governador geral da Provincia de Cabo-Verde

(Continuação)

III

Simultaneamente concluido o curso medico-cirurgico de João de Lacerda e o meu, cada um de nós passou a seguir seu rumo.

Eu, trocando a capital pelo exilio da aldeia, intrei logo a descobrir que essa decantada «innocencia dos campos» era uma das mais completas patranhas com que a imaginação dos poetas e dos romancistas se ha caprichosamente entretido em illudir-nos.

Regra geral: — na aldeia, como na grande cidade, a maldade, a corrupção, e o vicio, pullulam com desbragamento egual. E, se alguma coisa pode notar-se-lhes por differença, é (consoante a natureza do meio) que na grande cidade maldade e vicio, e corrupção, caracterizam-se mais pelo requinte dos pormenores, emtanto que na aldeia predomina a feição selvagem da brutalidade.

E, quando, apoz um aturado exercicio de quasi dez annos, me convenci d'esta incontrovertivel verdade, mandei á fava... as lides clinicas; fechei os livros de medicina, e deixei inferrujar os bisturis.

A esse tempo, João Cesario de Lacerda tinha já colhido fortissima copia de louros no seu brilhante exercicio da clinica naval.

Poucos alumnos ha que se gabem de tão moços haverem concluido o tirocinio academico das nossas aulas de medicina.

João de Lacerda, que nascêra em Lisboa aos 24 de Julho de 1841, prefazia á justa vinte e quatro annos de edade no momento em que tão auspiciosamente defendia suas theses ante o corpo cathedratico da Escola Medico-Cirurgica.

Seu pae, João Antonio de Lacerda, que fôra durante muitos annos professor regio na capital, e que educára cuidadosamente o filho em todos aquelles venerandos preceitos da velha honradez (hoje, infelizmente, quasi já fóra de moda!), — seu pae revia-se agora n'esse natural continuador de suas virtudes exemplarissimas.

João Cesario de Lacerda — tendo sentado praça (logo no 1.º anno do curso) como aspirante a facultativo do ultramar (d'onde mais tarde obteve transferencia para o quadro da armada) — achava-se já despachado «facultativo naval de 2.ª classe» quando no verão de 1865 lhe coube ir, a bordo da corveta *Sagres*, na esquadrilha commandada por Soares Franco, realizar sua primeira viagem, acompanhando El-Rei e a Rainha em digressão para Inglaterra. Mas um temporal, que se levantou medonho na Bahia de Biscaya, obrigou a esquadrilha a arribar. João de Lacerda, que já todo enthusiasmado se propunha ir visitar a opulentissima Albion, não passou do porto de Vigo, d'onde regressou a Lisboa.

Na capital, porém, mal tempo teve de abraçar a esposa — uma dama de trato finissimo e de finissima illustração, com quem João de Lacerda havia (estudante ainda) repartido a gloria dos seus triumphos escolares, e ora se propunha compartilhar as formosas realizações do seu auspicioso porvir.

Mal tempo teve, repito, de abraçar a esposa e beijar o filhito. E eil-o novamente embarcado a sulcar os mares n'uma viagem longa e trabalhosa, n'uma viagem de transporte a bordo da barca *Martinho de Mello*, que aos 19 de Outubro de 1865 levantou ferro com destino para Macau e escala por Timor.

Foi como «impressões de viagem» n'essa longa derrota que elle me dirigiu uma serie de cartas interessantissima, — cartas despreoccupadamente escriptas ao correr da penna, mas repletas de um fino espirito de observação, e picturescamente elaboradas, sempre com aquelle sabor portuguez de vernaculidade que João de Lacerda usa em tudo quanto produz.

Mais tarde, nos vol. X e XI do *Archivo Pittoresco* (1867 a 1868), se começaram a publicar essas missivas muito curiosas, illustradas com gravuras. Pena foi que a subita suspensão d'aquelle semanario deixasse incompleta uma publicação tão interessante.

Recordações de viagem (Cartas ao meu amigo Xavier da Cunha) — tal é o titulo do formoso escripto a que alludo.

Ahi nos descreve o auctor aquelle espectaculoso panorama que successivamente se lhe foi desdobrando ao percorrer a costa occidental da Africa.

Depois... na ponta austral do continente africano o fero Adamastor, que d'esta vez se dignou soffrear os costumados impetos da sua iracundia, desmentindo por excepção a terrivel prophecia posta por Camões, contra os Portuguezes, na bocca do gigante.

Eis como João de Lacerda nos descreve esse passo:

«O *Cabo das Tormentas*, — denominação melodramatica, depois convertida na de *Cabo da Boa Esperança*, — quem ha ahi que se não tenha costumado desde a infancia a considerál-o com um certo respeito, misturado de terror?

«Por mim, desde que comecei a solettrar *Os Lusiadas*, e li e reli o «episodio do Adamastor», fiquei sempre alliando a idéa do Cabo da Boa Esperança com a de uma borrasca desfeita, e a de uma voz cavernosa bradando do concavo dos penhascos e echoando na immensidade do Oceano com as palavras do Poeta:

« ..Ó gente ousada mais que quantas
«No mundo commetteram grandes cousas;
«Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
«E por trabalhos vãos nunca repousas;
«Pois os vedados terminos quebrantas,
«E navegar meus longos mares ousas,
«Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
«Nunca arados d'extranho ou proprio lenho;

«Pois vens ver os segredos escondidos
«Da natureza e do humido elemento,
«A nenhum grande humano concedidos
«De nobre ou de immortal merecimento;
«Ouve os damnos de mi, que apercebidos
«Estão a teu sobejo atrevimento
«Por todo o largo mar, e pela terra
«Que inda has de subjugar com dura guerra.

«Sabe que quantas naus esta viagem,
«Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
«Inimiga terão esta paragem
«Com ventos e tormentas desmedidas:
«E da primeira armada, que passagem
«Fizer por estas ondas insoffridas,
«Eu farei d'improviso tal castigo
«Que seja mór o damno que o perigo.»

«Contra o que eu esperava, dobrámos o Cabo para léste a todo o panno, com optimo tempo, sem nada do colorido sombrio e tetrico de que a mi-

nha imaginação tinha indispensavelmente revestido aquella paragem.

«Tomei nota do facto, que attribui a termos do brado o Cabo tanto ao sul, onde porventura não chegariam os bafejos do amante da «alta esposa de Peleu», — ou a que este, cedendo ao influxo das idéas progressistas, desistisse de torturar os navegantes e fôsse empregar a sua actividade em mistér de utilidade práctica, dando por terminada a sua terrivel *vendetta*.»

Seguiu-se atravessar o Mar da India, e procurar depois as ilhas da Oceania.

Java e Timor foram na quinta parte do mundo os pontos principaes em que João de Lacerda concentrou a sua attenção de fino observador.

De Timor a barca *Martinho de Mello* dirigiu-se ao porto de Macau, onde o novel facultativo apenas se demorou cêrca de quarenta dias.

E de Macau volveu directamente a Lisboa, já no anno de 1866.

A proposito d'esta viagem publicou João de Lacerda na *Gazeta Medica de Lisboa* uns substanciosos artigos, sob o titulo de — *Clinica naval*.

Volvido á patria, pouco tempo teve n'ella de repouso o nosso infatigavel trabalhador.

A vida do facultativo naval é, como a do marinheiro propriamente dito, incerta e trabalhosa, cheia de perigos e de abnegações, cortada de saudades e anceios.

Offerecia-se-lhe agora no espinhoso cumprimento do seu cargo uma infadonha estação em Cabo-Verde, uma estação de tres annos (1867 a 1870).

Ahi prestou João de Lacerda importantes serviços tanto na clinica hospitalar como na civil.

Ahi os prestou elle relevantissimos por occasião de se desinvolver na cidade da Praia (em 1868) uma epidemia de febre-amarella; a esses serviços rendeu justiça o Governo agraciando com o habito de cavalleiro, na Ordem da Torre e Espada, o zeloso e corajoso clinico.

Data d'essa estação tambem um precioso *Relatorio* que João de Lacerda escreveu ácerca de uma epidemia de febres-typhoides observada na Ilha Brava, — relatorio que João Francisco Barreiros (Director da Repartição de Saude Naval e do Ultramar) intendeu dever mandar publicar na *Gazeta Medica de Lisboa*, para que não ficasse abandonado e inutilmente perdido no pó dos archivos aquelle importantissimo trabalho.

D'este se derivou o seguinte (impresso pelo Ministerio da Marinha para figurar com outras publicações officiaes na Exposição Colónial de Amsterdam em 1883): — «*Noticias sobre febres paludosas e sobre uma epidemia de febre-typhoide observadas na Provincia de Cabo-Verde (1867 a 1870)* — Excerptos de um relatorio do serviço a bordo da canhonheira *Rio Minho* na estação da mesma provincia pelo facultativo naval João Cesario de Lacerda» (Lisboa, 1883—in-8.º de 44 pag.)

O PRINCIPE LEOPOLDO, REGENTE DA BAVIERA

JOIAS PRESENTEADAS PELA FAMILIA REAL PORTUGUEZA A S. A. A PRINCEZA D. MARIA AMELIA, E FABRICADAS NA OURIVESARIA DOS SRS. LEITÃO & IRMÃO
(Segundo photographia de La Cuadra)

D. João II de Portugal

(Composição e desenho original de Manuel de Macedo)

Durante a estação triennal, de que tenho falado, João de Lacerda foi por diversas vezes á Guiné em desimpenho de suas funcções officiaes.

E, quando em 1870 regressou de Cabo-Verde á metropole, pode afoitamente dizer-se que a sua partida despertou em todos os povos d'aquella provincia um profundo sentimento de verdadeira saudade.

(Continua) *Xavier da Cunha.*

CHRONICAS DE ODIVELLAS

I

A noticia de que morrera a ultima freira de Odivellas, e de que o velho convento de bernardas ia ser entregue ao estado passou quasi despercebida, e comtudo que de recordações não desperta este nome, que poemas lubricos se prendem áquellas devotas paredes! Odivellas lembra-nos logo a epocha lasciva de D. João V, os innumeros peccados do rei freiratico, e as aventuras amorosas d'essa epoca a um tempo corrupta e beata. Sem nos demorarmos em considerações que occorrem facilmente ao espirito de todos, permitta-nos o leitor que rememoremos alguns topicos d'aquella vida freiratica, hoje apenas superficialmente conhecida, e que encerra comtudo os mais importantes elementos para a historia dos costumes portuguezes, principalmente no seculo passado.

Seria necessario realmente conhecer mal e muito mal o coração humano para suppôr que esses conventos de freiras, onde se accumulavam mulheres novas e formosissimas, se poderia conservar nas alturas espirituaes, que a regra monastica exigia. No tempo em que o ascetismo exercia nos espiritos uma acção dominadora, ainda se comprehendia que podesse tal acontecer. Quando uma vocação verdadeira arrastava para as sombras do claustro mulheres que, em todo o viço da mocidade, abandonavam sinceramente a sociedade e as suas seducções para se entregarem ás delicias do amor divino, percebia-se que ou reinasse lá dentro a virtude, ou, se o peccado lá penetrava, penetrasse como consequencia fatal da monomania religiosa, como consequencia d'aquelle estado hysterico em que as macerações punham essas mulheres atormentadas pelos demonios allucinadores.

Mas no seculo XVIII as coisas passavam se de um modo muito diverso. A entrada no convento não era a consequencia de uma vocação verdadeira, era uma necessidade de familia. Para que os filhos podessem manter dignamente a honra da casa, era necessario que as filhas se sacrificassem, e iam tomar o véu para que seus irmãos podessem pompear na côrte as galas indicadoras da sua fidalguia.

Havia certos conventos para onde especialmente se dirigiam as filhas das casas nobres — eram os conventos fidalgos. É claro que se não podiam condemnar essas proscriptas da familia a uma reclusão aggravada por todos os supplicios do ascetismo. Refugiando-se no convento, conservavam comtudo um pé na sociedade. Ao locutorio iam visital-as a familia e os amigos da familia. Por occasião dos abbadessados havia festas em que as freiras davam o mote e ia de baixo a turba das versejadoras arrojava a glosa. É claro que se não referiam todas ao amor divino. A epocha era de galanteios, e esse tiroteio poetico alimentava-se principalmente, como n'esse tempo se dizia, da aljava de Cupido. D'esses passatempos, considerados innocentes, passava-se facilmente para culpas mais sérias. N'alguns conventos, onde a fiscalisação dos visitadores da ordem era menos severa, a relaxação chegou ao ultimo termo.

Não podia deixar de ser assim. Os impetos da mocidade podia subjugal-os por caso uma devoção perfeitamente mechanica, um formulario sem grandeza nem prestigio? Em que consumiam a vida esses centenares de mulheres encerradas n'um convento? Em rezar, e em elaborar os preciosos doces, que foram sempre a gloria dos conventos. Isso bastava? De certo que não. A pouco e pouco vinham as tentações do mundo irresistiveis e ardentes, e o convento transformava-se n'um verdadeiro lupanar, emquanto o escandalo não tomava taes proporções que se tornasse indispensavel a intervenção da auctoridade religiosa.

Odivellas estava em condições especiaes para essa transformação. Situado a pouca distancia de Lisboa, e comtudo n'um sitio bastante retirado, povoado por senhoras de primeira fidalguia, chamava naturalmente os cortezãos de Lisboa, que alli iam passar, a occultas de suas mulheres, tardes deliciosas. Quando el-rei D. João V começou a manifestar grande predilecção pelos passeios a Odivellas, o enthusiasmo fidalgo recresceu, as cabecinhas já de si bastante levianas das freirinhas fidalgas entonteceram de todo, e a sociedade de Odivellas passou a ser um verdadeiro *demi-monde*.

É triste o fazer se esta comparação, m s é perfeitamente verdadeira. O convento de Odivellas tinha com o *demi-monde* as mais extraordinarias semelhanças. A differença consistia apenas em que não era o dinheiro o motor das loucuras de Odivellas, era a sede do prazer, e eram os incitamentos da vaidade.

O trato social de homens e senhoras nada tem de offensivo para a moralidade, nem de provocador de deshonestidades; a convivencia franca, aberta, á luz do dia, no meio das familias reunidas, entre grupos de crianças e de velhos, é pelo contrario um elemento purificador, levanta os espiritos e illumina as consciencias. Mas o trato furtivo entre homens e senhoras, que não vão a essa sociedade senão buscar as doçuras de uma convivencia mysteriosa e de amorosa metaphysica, encerra em si todas as tentações As freiras espreitavam os fidalgos, comparavam-nos entre si, riam a bandeiras despregadas das suas attitudes enamoradas, elles procuraram avidamente entrever-lhes os rostos gentis, e adivinhar-lhes por baixo da branca toalha a scintillação dos olhos. Depois vinham os galanteios do *outeiro*, a troca de motes e de glosas impregnadas no almiscar dos conceitos e dos madrigaes, depois a doçura dos pasteis que, dando ao paladar uma sensação enervadora, despertavam o appetite de mais enervadoras delicias.

Quando se entrava n'este caminho não era facil parar. A pouco e pouco passava-se da lubricidade requintada á lubricidade brutal. Avidas de sensações novas, e fartas de motes e de glosas, as freiras ouviam, entre risos, declarações de um apimentado extraordinario.

O tom da sociedade de Odivellas é revelado em varios manuscriptos d'esse tempo, alguns dos quaes foram manuseados pelo sr. Camillo Castello Branco, e aproveitados por elle n'um dos seus mais interessantes romances, a *Caveira da Martyr*. Infelizmente esse romance, por piedosos escrupulos de um editor, desappareceu do mercado, e está hoje sendo rarissimo. O documento inedito que lhe serviu a elle para traçar algumas scenas

O CRIME DO CORREGEDOR

(Concluido do n.º 272)

EPILOGO

O *Frade* fugiu para a Hespanha e lá fez das suas, mas com menos felicidade que em Portugal.

Em menos de um anno estava preso, era julgado e sentenceado á morte.

Estando no oratorio e pesando-lhe na consciencia o caso de Santa Engracia, fez confissão d'elle ao padre que lhe assistiu, declarando-se auctor do desacato.

Essa declaração tomada com todas as formalidades legaes, foi remettida para Lisboa, onde é facil de comprehender que sensação produziria, havendo além d'isso, como é evidente, quem explorasse este caso fazendo d'elle politica para annular as influencias de Gabriel Pereira de Castro, criatura do conde duque e partidario decedido de Castella.

Tamanha impressão produzio no animo do corregedor o estrondo d'essa noticia, que o apontava ás massas como um assassino togado, que deu a emprehender n'isso, e pouco depois, a 18 de outubro de 1632, deixava de existir.

Contava perto de sessenta e um annos e foi sepultado no mosteiro de S. Vicente de Fóra.

Barbosa que foi o seu panegyrista diz que elle era de gentil presença e de estatura elevada, observando-se diz ainda elle, «a mais perfeita symetria em todas as partes do seu corpo».

Moralmente não o considera menos bello, o que nos faz suppor que Barbosa fazia da belleza uma idéa muito triste, ou tinha então o gosto muito estragado.

Pereira de Castro não passou de um ambicioso especulador politico egual a muitos dos que nos governam e sugam parasita e ignobilmente, sacrificando aos seus interesses os mais legitimos e os mais vitaes interesses do paiz.

Por isso se engrandeceu e prosperou, tendo a fortuna de morrer a tempo de lhe não ser applicada sorte egual á que teve o odiado Miguel de Vasconcellos.

Alguns dados da sua biographia para complemento d'esta noticia.

Nasceu em Braga aos 7 de fevereiro de 1571, sendo baptisado na parochia de S. João do Souto e casou na cidade do Porto com D. Joanna de Sousa.

Seu pai fora o notavel jurisconsulto, dr. Francisco de Caldas Pereira.

Acertava com elle o proverbio de que filho de peixe sabe nadar.

Gabriel Pereira de Castro foi excellente nadador.

Sua mãe D. Anna da Rocha de Araujo, tambem era filha de uma celebridade do foro, o dr. Antonio Francisco de Alcaçova, procurador da coroa e alcaide-mór não sei d'onde.

Em Coimbra foi dos mais distinctos estudantes, e logo que concluio o curso passou a exercer o logar de lente de direito canonico, na capitania de S. Paulo.

Em 1608 era nomeado desembargador da relação do Porto e exerceu d'ahi em deante seguidamente os seguintes cargos:

Desembargador da casa da supplicação; desembargador dos aggravos, corregedor do crime da corte em 9 de agosto de 1623, procurador geral das ordens militares por ser cavalleiro professo da ordem de Christo, e por ultimo chanceller-mór.

Deixou diversas composições poeticas que a critica das boas lettras celebra, não sendo para nós a de menos importancia como reveladora do seu caracter e rectidão, a que damos em seguida em remate d'esta obra.

A sentença de Solis

Que vistos estes autos, que pela qualidade d'elles se fizeram summarios ao reo Simão Lopes Solis preso, devassas e inquirições juntas, e mais deligencias que se fizeram, de que tudo houve vista o dito reo para se defenderem e allegar a sua defeza. Mostra-se que estando a egreja de Santa Engracia, em 15 de janeiro passado, depois de noite fechada e estando no divino sacrario d'ella hostias e particulas consagradas, entraram na dita egreja algumas pessoas com animo diabolico, movidas pelo mesmo demonio, que ousaram romper as paredes da dita egreja, e abrindo as portas com temerario e sacrilego atrevimento, puzeram as mãos no dito santissimo sacrario, arrombando as portas d'elle, levaram dentro d'um cofre de tartaruga, aonde estavam dez ou doze particulas e uma hostia grande consagrada; e levando outrosim de dentro de um vaso de prata dourada, que estava no mesmo sacrario, vinte e cinco particulas e uma hostia grande consagrada, e uma cruz do remate do mesmo vaso de prata, que quebraram para tambem levar e a fechadura da porta do sacrario, juntamente com uma meia cortina grande do altar maior e uma toalha que estava no altar de Santa Isabel e ametade d'uma toalha do altar de Santo Antonio; quebrando as mãos a S. Fructuoso, que estava no mesmo altar maior. Mostrar-se estar o reo convencido que elle foi o que commetteu este diabolico attentado; porquanto que sendo preso pelo Santo Officio um Simão Soares Pires, grande seu amigo e parente, achando-se elle reo em seu inventario, assistindo por parte do dito preso, e sua mulher, todos enxergaram nelle estar raivoso e com grande paixão, e com a força d'ella dizer que era mal preso, e que era um santo, e que por sua prisão havia de succeder n'esta cidade um caso extraordinario; e aconteceu este desastre e abominavel excesso em breves dias. Logo em toda esta cidade se estendeu, que o dito reo, por ser homem facinoroso, blasphemo, e de má consciencia e procedimento, fôra author d'este logar, sem antes ou depois se apontar em outra pessoa; antes com a sua prisão terem cessado todos os rumores contrarios, que podia haver e que realmente não houve. Mostra-se o dito reo, tendo acontecido o caso na noite de 15 de janeiro passado, dia de Santo Amaro, logo no dia seguinte o dito reo escrever uma carta ao Brazil, a um seu parente e n'ella lhe contar o desastrado successo que tinha acontecido, como quem tinha d'elle inteira noticia, dizendo os particulares, como acontecera, dizendo na dita carta, que se havia roubado o sacrario da dita egreja por quatro homens, como quem tinha conhecimento de quantos foram; por quanto haverem sido os ditos homens quatro, tinha grande correspondencia com a devassa, da qual constava dizerem algumas pessoas do campo de Santa Clara, onde a dita egreja de Santa Engracia está situada; que ouviram dizer que foram vistos sahir d'ella na madrugada quatro homens vestidos de pardo, e haver mais na dita devassa, que se acharam n'aquella noite quatro homens no poço de entre as hortas, embuçados; e mettendo-se um d'elles pelo lodo, se queixou aos companheiros do mau caminho; e um homem que ia por ali ao acaso, conheceu que fallou ser o dito reo; e o conheceu

do seu romance, vae-nos servir a nós para darmos uma idéa aos leitores do que era a sociedade de Odivellas no anno de 1716. Intitula-se a *Lista das pessoas que sairam condemnadas por ordem de Sua Magestade e do geral de Alcobaça, pelas devassas secular e regular que fizeram no convento de Odivellas o corregedor do bairro dos Romulares e os visitadores da mesma religião.* Não tomem o titulo a serio. Estas listas eram annuaes e representavam o *Gil Blas*, a *Vie Parisienne*, o *Gil Blas* manuscripto e a *Vie Parisienne* inedita d'aquellas reclusas mundanaes. Corriam de mão em mão e eram commentadas muito mais do que o Evangelho.

Por essa lista se vê que as freiras tinham todas as suas alcunhas, exactamente como as *demi-mondaines* que passeiam no *Bois* as suas provocações. Assim havia entre aquellas filhas de S. Bernardo a sr.ª D. Ursula Francisca de Moraes, a *Caramelo*, D. Francisca Ignacia de Mello, a *Pimentinha*, D. Catharina Luiza de Miranda e Castro, a *Muleirinha*, D. Leonor de Menezes, a *das Finezas*, D Catharina Izabel, a *Cassarola*, D. Jacintha Michaela de Castro, a *Contratadora*, D. Thereza de Mello, a *Vigairinha*, D Mauricia de Pires Rebello Freire, a *Marcia bella*.

Como se vê, os cognomes não deixavam de ser incitadores, principalmente se se confrontarem com a idade das freirinhas. Assim temos a sr.ª D Francisca Ignacia de Mello, que, tendo aos 30 annos a alcunha de *Pimentinha*, devia ser *madre mestra* em todas as theologias do amor e em todos os canones da devassidão. A *Muleirinha* e a *Vigairinha* tinham a primeira 21 annos e a segunda 23. Não faltariam moços de moinho para uma e coadjutores para a outra. A *Marcia bella* devia essa alcunha poetica ás predilecções litterarias do sr. D. João V, e ao facto conhecido de ser ella a musa especial do poeta de Odivellas, Antonio Sanches de Noronha. Não se imagine comtudo que D. Mauricia e Antonio Sanches pairavam sempre nas nuvens da idealidade. Mauricia gostava da pinga, e Antonio Sanches de Noronha estava em 1716 comendo na Povoa de Santo Adrião os restos de seus haveres, que em grande parte se tinham escoado em odres de vinho enviados a Marcia. É isto o que conta pelo menos o malicioso chronista.

E d'aqui se vê que as freiras de Odivellas tambem tinham com as *lorettes, cocottes* e *horisontaes* do seculo XIX esse ponto de contacto, arruinavam, de vez em quando, os que lhes glosavam os motes.

Havia tambem no grupo as Coras Pearl, havia a velha guarda. Já não fallamos em D. Clara de Almeida e Vasconcellos que tinha 40 annos e peccava que era um regalo, nem em D. Leonor de Menezes que orçava pela mesma idade. Mas a que desbanca perfeitamente as Coras Pearl do nosso tempo é a sr.ª D. Marianna Rangel de Macedo, que com os seus 82 annos não deixava de ser uma das mais gaiteiras.

Em torno d'este grupo de hetairas sagradas, que enfloravam as existencias dos Pericles e dos Alcibiades da côrte de D. João V, esvoaçavam illustres sacerdotes, que ou trabalhavam por sua conta, ou auxiliavam evangelicamente nas suas adorações os cultores do genero. O sagrado Mercurio d'este Olympo feminino era o sr. Pantaleão Rodrigues de Sá, residente em Odivellas, e que, segundo affirma a list, «dava palestra a varios freiraticos em sua casa, dando os escriptos e recebendo respostas de muitos tratamentos illicitos».

Tinha caixa de correio á porta este illustre padre, e, segundo parece, vendia estampilhas.

Outros sacerdotes entendiam se directamente com as freiras, e com ellas cavaqueavam em assumptos da sua profissão. O padre Roque Francisco era clerigo de S. Pedro, e coadjuvava em Odivellas no santo empenho de conquistar o céo uma religiosa cujo nome não é declarado. O frade jeronymo Joaquim de Sant'Anna, os conegos D. Luiz da Camara, Martinho de Mello e Manuel José de Miranda tambem concorriam áquelle concilio de Odivellas a dissertar sobre assumptos de muito interesse para a sua alma e para o seu corpo.

Entre os seculares frequentadores d'aquella devotissima academia de jogos floraes contavam-se o conde de Villa Flor, D. Lourenço Vasques da Cunha, dr. Antonio Velloso Henriques, dr Francisco Xavier, Manuel José de Abrantes, o já citado Antonio Sanches de Noronha, conhecido pelo cognome do poeta de Odivellas, Francisco Xavier Curvo Semedo, Henrique Xavier de Pina Coutinho, e Placido de Oliveira, o *má lingua*.

Este ultimo devia ser o auctor da lista, porque pode gabar-se de levar as lampas ao mais maldoso chronista do nosso tempo.

Continuaremos.

Pinheiro Chagas.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XIII

O magnetismo e a hypnotisação — a suggestão mental a praso. Curiosos casos de suggestão mental a distancia. O hypnotismo empregado como anasthesico em Portugal.

Em Paris existe uma Sociedade, que sob a presidencia do dr. Charcot, e tendo por membros notaveis alienistas taes como os drs. Magnin, Fabret, especialistas de doenças nervosas como Feré e Binet, A. Richet, physiologista, Paulo Janet, Th. Ribot, H Joly, Rabier e Marion, phylosophos e muitos outros litteratos, scientificos, etc.

As experiencias sobre a *suggestão mental*, realisadas ultimamente pela Sociedade de Psychologia de Paris são na verdade maravilhosas. Mas expliquemos primeiro o que seja a *suggestão mental.*

Adormecido o sujeito, magnetisado ou hypnotisado, paciente, predisposto pela sua excitabilidade nervosa, é possivel suggerir lhe seja o que fôr. Não sómente faz e pratica o que se lhe ordemna, mas pensa, sente, exprime tudo quanto se lhe suggere e julga-se tudo o que se lhe affirma que elle é. Estes factos, ainda que por varias vezes se tenham apresentado de um modo pouco definido, parecem com tudo incontestaveis.

E mais ainda.

No Congresso da Haya, para o *progresso das sciencias* — um medico apresentou varios casos em que uma idea, uma ordem, por exemplo, suggerida durante o somno hypnotico, era realisada pelo paciente depois de accordado na hora ou occasião, que se lhe havia indicado.

Assim, dizia o relatorio d'esse medico, que uma doente, a qual recusava tomar caldos ou qualquer outro alimento, tendo sido magnetisada e tendo-lhe sido ordenado pelo agente que tomasse caldos a taes horas, — effectivamente os tomou á hora indicada, sem repugnancia. São casos semelhantes a esse, os de que se occupa actualmente a *Sociedade psychologica* de Paris.

É a *suggestão a praso.*

Diz-se ao paciente, por exemplo: amanhã a taes horas, quando estiver accordado, vá a um determinado logar e faça isso ou aquillo. E o paciente á hora marcada desempenha-se da sua tarefa, estando perfeitamense accordado, possuidor do seu

---

na voz; e logo mais adeante serem vistos outros quatro homens, entre os quaes foi conhecido o alferes Barbosa, que foi preso por este caso e morreu na prisão, christão novo, que tinha saido do Santo Officio, homem valente e atrevido, contra quem havia graves presumpções de se ter achado n'este caso. Mostra-se que sendo o reo perguntado, dissera, escrevera aquillo, descarregando-se que ouvira-o a Martim Coelho aquella manhã na rua Nova; e sendo perguntado o dito Martim Coelho, dizer que não falára com elle; colhendo-se do dito seu lacaio, que até ao meio dia d'aquella manhã estivera o dito reo occupado em outra cousa, sem descer á rua Nova e assim ser falso o que dizia em sua descarga. Mostra-se outrosim, que estando preso, mandou a um seu lacaio fizesse um pastel e n'elle mettesse um escripto que lhe deu, e lh'o levasse a seu irmão Clerigo, que estava tambem preso por este caso no Aljube Ecclesiastico; e n'elle lhe dizia que fosse louvado o Santissimo Sacramento, e que se lhe perguntassem pelo que se passava e aonde fôra aquella noite que o caso succedeu, dissesse a verdade; que se entendeu que era avisal-o e segural-o para que tivesse segredo, que é sentido em que ás vezes se toma esta palavra Sacramento; e dando-se o dito pastel ao dito seu irmão, elle o repartir com os presos, e na parte que deu, ir o escripto que elles léram, e constou do que continha. Mostrava-se escrever outro escripto a Antonio Garcia, depois de estar preso e lhe dizer: Alguma pena me hão de dar por ir por baixo; e que falasse com certo homem, sendo assim que constava que na tarde precedente ao dito roubo falára elle dito reo com um homem, a quem dissera que n'aquelle dia tinha um negocio de importancia para fazer e lh'o ouvira outra pessoa que por ali passava; podendo entender-se que encommendava ao dito Antonio Garcia, visse a este mesmo homem e lhe encommendasse segredo, colhendo-se que havia n'isto que suspeitar mal, porque o dito Antonio Garcia disse que ellle lh'o escrevera sobre umas caixas de assucar, que é o aviso que o reo lhe mandou dar pelo seu criado, sendo falso, por haver testemunhas que viram e lêram o escripto, que testemunham o theor d'elle, que não falava em caixas de assucar. Mostra se mais que o reo, perguntado aquella noite em que o caso aconteceu, aonde estivera ás Ave Marias em casa dos seus amigos os Passarinhos, constando que foi a ella já de noite; e depois em casa d'uma mulher sem dizer quem era; e dizendo mais, que em sua casa se recolhera ás nove horas e d'ella não sahira até pela manhã; constando que fôra visto fóra de casa muito de noite; e conhecido na voz; e foi visto na sua porta com espada e rodela, sendo alta noite; não podendo ajudar-se da quartada que juram a sua criada, o seu lacaio e a sua manceba, que affirmam que ceiou e se deitou na cama, assim o deposeram em tormento; porquanto o lacaio diz que fechara a porta da rua, e deixou a chave na porta podendo o reo deitar-se na cama e levantar-se d'ella e sahir fóra facillmente. Mostra-se tanto que o caso aconteceu, andar o reo por esta cidade lançando fama aos inglezes, que então estavam n'este porto, deviam fazer este furto e querer descompor se com quem lhe dizia o contrario; querendo por este modo passar a culpa a outrem; dizendo, quando mais não podia, que os christãos velhos o fizeram. Mostra se, ser o reo homem que vinga prisões de christãos novos; e sendo preso um letrado d'esta cidade, elle e um irmão seu andaram pelas ruas dando em quantas pessoas achavam; e a esse respeito se podem entender que queria vingar a prisão do dito Simão Soares Pires, seu parente e amigo. Mostra se que estando na enfermaria maltratado do segundo tormento que se lhe deu, não em sua pessoa, senão para declarar os cumplices, ali dizer publicamente que se não cançassem, que bem sabia que já era morto, e que elle furtára o Senhor da dita egreja, e que assim o dissessem ao corregedor e n'esta forma continuar por muitas vezes, dizendo muitas blasphemias; como era dizer, que era tão puro como a virgem Nossa Senhora e os anjos, e que suas irmãs eram tão puras como a mesma virgem Nossa Senhora. Dizendo mais, que se não cançassem em buscar o dito furto, que não havia de apparecer, mostrando que em seu poder ou mão estava o dito thesouro. Mostra-se o reo fingir-se doudo na enfermaria, fazendo doudices, sendo tudo fingido, dizendo os presos que o viam n'este tempo tratar dos seus negocios com grande pontualidade e applicação, escondendo seus segredos dos presos. E sendo perguntado por esta confissão que fizera, elle não negar tel-a feito e se lembrar do que então fizera, que é evidente signal de estar em seu juizo pois se lembrava do que havia feito n'este tempo. Mostra se mais ser o reo um homem adoudado, valente, temerario e arrojado, e apparelhado para obrar um feito temerario e insolente, de que se póde conceber todo o grande caso, e essa na publica fama d'esta republica. O que tudo visto e o mais dos autos e como pelas sobreditas causas se convence o reo ser o que commetteu este abominavel caso, e tremendo sacrilegio, assim o declaram, e com o reo convencido por VIOLENTISSIMAS PRESUMPÇÕES (!!!) o condemnam a que com baraço e pregão pelas ruas publicas, e costumados, seja o dito reo arrastado e levado ao campo de Santa Clara, aonde está a dita egreja de Santa Engracia e ali lhes serão decepadas ambas as mãos, que serão queimadas á sua vista, e em um mastro alto á vista de todos será posto, aonde será queimado vivo; e seus bens que se lhe acharem, serão applicados á confraria do Santissimo Sacramento da mesma egreja de Santa Engracia, para que o juiz e confrades da confraria que novamente se instituio, a seu arbitrio gastarem os ditos bens no que parecer para mais ornato do sacrario e capella-mór e outras obras de culto do dito Senhor: e mandam que sendo o dito reo levado ao dito logar e feito por fogo em pó, suas cinzas serão botadas no mar, para que de todo se extinga sua memoria; e pague as custas d'estes autos; e aos artigos allegados e propostos em suas rasões não deferem, visto o que dos autos consta. Lisboa 31 de janeiro de 1631 — Pereira de Carvalho — Barros — Pereira — Abreu — João Pinheiro — Goes — Almeida — Fialho — Vellez.

E era pai de quatro filhos o homem que lavrou esta sentença iniqua, aos sessenta annos de edade. Demencia não foi por certo, mas preversidade: uma aberração humana.

Tal foi elle, o assassino de Solis. Dos que se lhe associaram nenhum tambem teve bons fins, nem vida longa.

Parece que a todos perseguia um mau espirito turbulento.

Descancem em paz, se é justo que a tenham na eterna vida, malvados d'estes.

E voltando ao romance, que é feito da *cigana*, do *Mata Judeus*, do *Cara de Ferro?* Ora o que é feito! Voltaram para o tinteiro do author, d'onde nunca deveriam ter sahido e com a consciencia de que não deixaram saudades.

E acabada a historia arrumou-se o livro.

Leite Bastos.

livre arbitrio, sem que se lembre da ordem que lhe foi dada, mas obedecendo a um impulso para elle desconhecido, que o incommoda, de que ás vezes se vexa e envergonha, mas ao qual ainda assim cede.

Ultimamente, a accreditar um relatorio apresentado á sociedade, novas experiencias realisadas no Havre perante tres medicos, dois aggregados de philosophia e um membro do Instituto de Paris — vieram provar que a suggestão mental se realisa a distancia. Tomaram-se todas as preçauções para que o resultado não fosse duvidoso. O nome d'aquelle que devia fazer a suggestão mental á paciente, foi tirado á sorte. Outras precauções se tomaram para verificar authenticamente o momento, em que tinha começado a execução. Com admiração de todos, tendo um dos membros da assòciação, mandado á *paciente* que viesse, esta não tardou a vir bater á porta da sala onde se achavam,—tendo-se levantado, vestido e percorrido sósinha e adormecida as ruas que havia entre a sua habitação e a sala das sessões. Esta paciente era uma tal madame B. que advinhava o nome da pessoa que lhe havia ordenado que viesse, como se ella de algum modo tivesse ouvido os movimentos cerebraes que a 500 metros de distancia acompanhavam a palavra interior da ordem, que lhe fora transmittida.

Todavia, forçoso é dizel-o, nem sempre as experiencias deram bom resultado, — o que sempre acontece quando se trata de *magnetismo* ou de *hypnotismo*.

A sinceridade das observações nóta-se na minuciosidade com que os experimentadores tomaram nota dos casos em que as experiencias não satisfizeram. O sr. Pedro Janet, antigo alumno da Escola Normal, aggregado de philosophia, diz que nas suas experiencias pessoaes houve quatorze exitos e sete resultados negativos. D'estes ultimos quatro foram das primeiras tentativas, quando a paciente não estava ainda bastante impressionavel, e docil ás suggestões; dois outros casos tiveram logar quando a paciente se achava notavelmente fatigada; um finalmente foi produzido por uma especie de resistencia voluntaria da sonambula imperfeitamente adormecida e, por isso mesmo podendo oppôr a vontade pessoal á vontade ou impulso do magnetisador.

Um dos experimentadores tinha suggerido á sonambula que fosse ajoelhar-se diante de certa pessoa. A paciente foi, collocou-se em frente, mas não se ajoelhou. Os hypnotisados são perfeitamente doceis ás suggestões do operador. Mas nas experiencias do Havre, cujo relatorio temos presente e d'onde temos extrahido estes factos, — deram-se actos de sympathia entre o operador e a hypnotisada verdadeiramente extraordinarios. Um dos medicos da associação belisca o braço direito, a paciente, que está n'uma outra casa, dá um grito e leva a mão ao seu braço direito:

— Beliscaram-me, disse ella!

Mostra o proprio sitio, onde os experimentadores dizem ter observado uma certa vermelhidão (!)

N'outra occasião um dos experimentadores queima a ponta de um dedo.

Immediatamente a paciente se queixa de que acaba de queimar-se e examinada a ponta do dedo, conhece-se uma ligeira echymose, produzida pelo sentimento interior e imaginario (!)

Mostram a madame B. uma carta fechada, recebida n'aquelle mesmo instante por um dos experimentadores A paciente, adormecida, apalpa a carta e diz que pertence a uma pessoa doente da garganta. Era com effeito do sr. Richet, que ainda estava affectado d'essa enfermidade, mas o qual era inteiramente desconhecido para madame B. (!)

A Sociedade de Psychologia de Paris, julga impossivel negar estes factos, cuja authenticidade é incontestavel. Comtudo como poderá explical-os? Os *crentes* dizem que do mesmo modo que as ondulações de estrellas situadas a milhões de milhões de leguas podem impressionar a placa photographica, do mesmo modo o *paciente somnambulo* poderá enregistrar os movimentos longiquos e imperceptiveis para outras pessoas.

Sobre o assumpto ha muito a dizer, que não cabe em tão pequeno espaço de que dispomos, reservando-nos, por isso, voltar a elle proximamente.

Ha annos empregou-se o hypnotismo, como agente anasthesico em hospitaes de Lisboa e de Coimbra.

Dr. Bernardo Gudden

Medico do rei Luiz II da Baviera

Mantinha-se a cabeça do paciente voltada para um pequeno espelho triangular, collocado a pequena distancia dos olhos. O effeito era quasi instantaneo. A anesthesia era geral. Beliscado, atravessado com agulhas em varias regiões do corpo não dava signal de sentimento. As operações que sob esse meio se praticaram sortiram bom effeito e foi optimo o resultado.

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

Uma travessia de Africa. O tenente sueco, sr. Gleerup, ao serviço do estado livre do Congo, emprehendeu uma viagem de travessia em Africa, seguindo um itenerario muito semilhante ao que Stanley seguiu em 1877.

Protectorado francez em Africa. O governo francez notificou ás potencias signatarias do tratado de Berlim, que as ilhas Comoro situadas no canal de Moçambique, ficavam sob o protectorado da França.

Lauriana. Deve ser executada este anno no theatro lyrico do Rio de Janeiro, a opera *Lauriana*, do maestro portuguez Augusto Machado.

Os exploradores Serpa Pinto e Cardoso. Chegaram a Lisboa no dia 11 do corrente, vindos de Quilimane, estes dois exploradores portuguezes, a quem a falta de saude não permittiu que pozessem em pratica completamente o plano da sua expedição. Ainda assim alguns trabalhos importantes fizeram, em que cabe principalmente as honras ao sr. Augusto Cardoso, porque a doença que accommetteu Serpa Pinto não o deixou acompanhar a expedição ao lago Nyassa. O sr. Cardoso é que dirigiu a viagem, indo até Meterica, onde arvorou a bandeira portugueza e tratou com o regulo a vassallagem d'este ao rei de Portugal. Explorou as bacias de Lianda e Massala; a origem e muitos affluentes dos dois rios; subiu cincoenta e tantas milhas pela margem direita do Ravuma, cortando depois sobre o Nyassa, que alcançou no extremo sul. N'este ponto faltaram-lhe os mantimentos e fazendas, assim como um ataque de gotta-serena o impossibilitou por alguns dias. Foi depois ao Blantyro em busca de fazendas e mantimentos e voltando ao Nyassa, onde passou pelo monte Zomba, dirigindo-se a Quillimane por um novo caminho. Em Malange quizeram oppor-se-lhe os naturaes, mas logo lhe abriram passagem quando reconheceram que a expedição era portugueza, submettendo-se com grande regosijo á vassalagem de Portugal e ficando inçada a bandeira portugueza na terra do Qui Razia na margem do Nyassa.

Viagem de El-rei D. Luiz I. Sua Magestade el-rei D. Luiz deve partir de Lisboa para a sua viagem ao extrangeiro, nos principios do mez de agosto. Para esse fim estão-se apromptando as corvetas *Affonso de Albuquerque* e *Estephania*. Em Inglaterra S. M. será recebido no palacio de Buckingham, o qual está sendo preparado. A rainha Victoria receberá el-rei no seu palacio de Osborne.

Exposição botanica. A Sociedade de Instrucção do Porto, por iniciativa dos srs. Eduardo Sequeira e Augusto Nobre, abriu no dia 15 do corrente uma exposição de exemplares da fauna e flora de Valongo. Esta exposição é a primeira de uma serie a que está annexa uma exposição de criptogamicas dos herbarios do sr. Isaac Newton.

A Nilsson. Esta notavel cantora deve cantar em Lisboa no mez de março do anno proximo, depois de ter percorrido as operas da Scandinavia, Allemanha, Russia, Austria, Turquia, Hungria, Suissa e França. É seu emprezario o sr. Strakosch.

Straus. Espera-se breve, em Lisboa, esta celebridade musical. Vem reger a orchestra que deverá tocar em uma explendorosa festa que os srs. duques de Palmella dão no seu palacio de Cintra, no dia 4 do proximo mez.

Novo cabo telegraphico-submarino. Vae ser inaugurado um novo cabo telegraphico-submarino que, partindo de França, tocará em Lisboa e seguindo ás Antilhas francezes, chegará ao Brazil.

Universidade incendiada. Ardeu parte da Universidade de Bruxellas.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Relatorio da Direcção da Sociedade Martins Sarmento. Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Porto 1886. Esta sociedade de recente installação, tem já uma historia honrosa pelos bons serviços que está prestando á instrucção e ao progresso vimarense. A leitura do seu relatorio confirma o o que deixamos dito. No anno findo inaugurou esta sociedade um museu de archeologia e outro de nomismatica; destribuiu varios premios aos alumnos que mais se destinguiram nas escolas do concelho, assim como brindou os professores sr.s Antonio Augusto da Silva Cardoso e João Pinto de Queiroz, pelos serviços d'estes cavalheiros prestados á instrucção popular. Esta sociedade publica regularmente a *Revista de Guimarães*, e promove finalmente, todo o desenvolvimento da instrucção scientifica e artistica como já o provou na exposição districtal que levou a effeito em Guimarães no anno de 1884.

O Instituto, *revista scientifica e litteraria*, vol. XXXIII, junho de 1886, segunda série, n.º 12. Coimbra. Publica este numero além do «Parecer sobre o projecto de reforma dos estudos professados na faculdade de direito, elaborado pela commissão para este fim nomeada em conselho da faculdade de 16 de abril de 1883», por Manuel de Oliveira Chaves e Castro, os seguintes artigos e poesia: *Formulas geraes para calcular a area lateral do tronco de cone circular recto*, por Rodolpho Guimarães; *Sobre a natureza das cousas*, poesia por A. de M. Falcão; *Mafra*, por Joaquim da Conceição Gomes; *O Mondego*, por A. Filippe Simões, extrahido dos *Escriptos diversos*, collecção de artigos ineditos ou publicados d'este fallecido escriptor, e que brevemente sairá a publico.

Juarez e Cesar Cantu, vertido em portuguez da edição official por Frederico Duarte Coelho, chanceller do consulado do Mexico, em Lisboa. É a refutação das accusações que em sua ultima obra o historiador italiano formula contra o benemerito da America. Essas refutações firmam-se em documentos importantes e que demonstram que Cesar Cantu andou mal informado a respeito do notavel Juarez.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.